

PLANTAS SAGRADAS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: correlações do seu uso terapêutico e a fitoterapia

Maria do Socorro Sousa - UFCG/UFPB
e-mail: marisousa@terra.com.br
Wallace Ferreira de Souza - UFCG
e-mail: [wallace.ferreiradesouza@gmail](mailto:wallace.ferreiradesouza@gmail.com)
Marileuza Fernandes de Lima - UFCG
e-mail: marileuzaf@uol.com.br;

RESUMO: O uso de plantas com fins terapêuticos têm sido constatado em todas as civilizações, assim como práticas de cunho religioso. Ao reconhecer no ser humano outros elementos além do corpo físico, práticas religiosas vão fazer parte de cuidados terapêuticos. Neste sentido, as plantas são fartamente usadas, e comumente tratadas como plantas sagradas. Esse conhecimento adquirido tem se aprofundado e diversificado. A Fitoterapia é reconhecida como a terapêutica que usa as plantas medicinais em diferentes formas farmacêuticas. Esse trabalho objetiva analisar e correlacionar à ação terapêutica de plantas sagradas utilizadas no Candomblé e que têm uso reconhecido pela Fitoterapia. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em livros, artigos de periódicos e material disponibilizado na internet Para estas plantas, quando usadas na Fitoterapia correlacionamos seus efeitos pela ação farmacológica por elas produzida, a exemplo dos óleos essenciais, taninos, flavonóides e carotenos extraídos de diferentes partes do vegetal (cascas do caule, raízes, folhas, bulbo e flores), podendo então serem indicadas por sua atividade antimicrobiana, anticoagulante, diurética, analgésica e antiinflamatória. Uma mesma planta utilizada por diferentes sistemas terapêuticos fornece substratos específicos com ações nem sempre explicadas por sua ação farmacológica e podendo também ocorrer efeitos adversos. O Brasil possui uma flora rica em plantas com potencialidades terapêuticas, as práticas religiosas de raiz afro-brasileiras utilizam grande parte dessas plantas, justificando os estudos de diferentes ações terapêuticas. O uso de plantas nos atendimentos de diversos sistemas religiosos ocupa um espaço terapêutico onde a fitoterapia não alcança.

PALAVRAS CHAVE: Plantas sagradas. Fitoterapia. Religiões Afro-brasileiras

I - INTRODUÇÃO

O texto pretende ser um espaço de análise para correlacionar a ação terapêutica de plantas sagradas utilizadas no Candomblé e que têm uso reconhecido pela Fitoterapia. Ao reconhecer no ser humano outros elementos além do corpo físico, práticas religiosas vão fazer parte de cuidados terapêuticos.

Diferentes filosofias, religiões e sistemas terapêuticos compartilham a compreensão de poder, força, energia entre os elementos da natureza. Para Margonari, o reino vegetal é o transmissor e transformador do fluido prânico vital para todas as formas de vida. Esta é uma das suas principais funções. A força vital é extraída de três fontes: do sol, da água e da terra. (MARGONARI, 1996).

Para a Antroposofia, somente conseguimos entender a planta, se a encararmos como resultado da interação entre o mundo físico, terrestre e o mundo etérico, cósmico. Discutindo o campo das formas formativas ou vitais do reino vegetal, Burkhard (1984, p. 5-6) afirma que estas forças são plasmadoras, onde as substâncias aí presentes se emancipam das leis físico-químicas, e entra no campo das forças denominadas por Rudolf Steiner, de forças “etéricas” ou “formativas”. E exemplifica: qualquer substância mineral, ao ser acolhida pela planta, emancipa-se da ação das leis puramente terrestres (físicas, químicas) e é englobada pelo corpo vital da planta. A análise química de um potássio encontrado na terra ou em uma planta pode ser igual, mas a qualidade desse potássio será diferente, uma vez que ele foi transformado pela planta e tornou-se vitalizado, isto é, carregado de energia ou força vital desta planta.

No candomblé, o espaço “mato” constitui um reservatório natural onde são escolhidos os ingredientes vegetais indispensáveis a toda prática litúrgica. É um espaço muito pouco frequentado pela população urbana do “terreiro”. De um modo geral o “mato” é sagrado. (Santos, 1976). O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”. (Eliade, 1992, p.16). A relação com a natureza e uso dos seus elementos no Candomblé nos põe em contato com realidades diversas. As folhas, nascidas das árvores, e as plantas constituem uma emanção direta do poder sobrenatural da terra fertilizada pela chuva e, como esse poder, a ação das folhas pode ser múltipla e utilizada para diversos fins. (SANTOS, 1976).

Por outro lado, o Brasil, atendendo as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e levando em conta nosso país é detentor da maior biodiversidade do planeta, associada a uma rica diversidade étnica e cultural que detém um valioso conhecimento tradicional

associado ao uso de plantas medicinais, cria em 2006 a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, que estabelece diretrizes e linhas prioritárias para o desenvolvimento de ações pelos diversos parceiros em torno de objetivos comuns voltados à garantia do acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos em nosso país, além do desenvolvimento de tecnologias e inovações, assim como ao fortalecimento das cadeias e dos arranjos produtivos, ao uso sustentável da biodiversidade brasileira e ao desenvolvimento do Complexo Produtivo da Saúde (BRASIL, 2006).

Esta Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos pretende ampliar as opções terapêuticas aos usuários, com garantia de acesso a plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à fitoterapia, com segurança, eficácia e qualidade, na perspectiva da integralidade da atenção à saúde, considerando o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais (Idem, Ibdem).

II - CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA CHEGADA DOS AFRICANOS AO BRASIL

O tráfico transatlântico de populações das mais variadas localidades da África entre os séculos XV e XIX é marcado por uma relação de idas e vindas entre os diferentes países das Américas e Antilhas e os Portos negreiros africanos. As feitorias coloniais estavam espalhadas por todo o litoral Atlântico africano, no entanto, ao final do século XVIII e durante todo o século XIX, o Porto de Uidá, localizado no Benin atual e antigo Império do Daomé, transformou-se no mais importante Porto do comércio escravagista (SAUMANNI, 2001). Os escravizados embarcados em Uidá eram provenientes não só da região do Benin e da Nigéria, eram também filhos de outras regiões. Mary Del Priore (2004) indica que 90% dos cativos traficados no período colonial eram provenientes da África Atlântica nos seus mais diferentes pontos. E nos últimos anos do tráfico, em pleno século XIX, a região do Golfo da Guiné tornou-se um importante ponto de embarque e captura de escravizados.

Muitos dos cativos que chegaram ao Brasil entre os séculos XVI a XIX foram identificados pelos negreiros como pertencentes a uma determinada nação africana e que em muitos casos esta filiação era equivocada; um exemplo disso é que no século XIX, na sua totalidade, os escravizados eram identificados como sendo de origem, Iorubá, pois a identificação se fazia a partir do porto negreiro onde eram embarcados.

Destes grupos de escravizados, os Nagô-iorubá, os Jejes e os Bantos, vão dar corpo às casas de Candomblé e Xangô no Brasil. Portanto, o foco dessa reflexão são

os elementos míticos e simbólicos destes grupos presentes e reinventados nas experiências religiosas afro-brasileiras e os sentidos dados à natureza nestes espaços, pois encontraremos em terras africanas estes grupos étnicos fortemente relacionados com os elementos da natureza, haja visto seus deuses habitarem esses elementos. Para tanto, os descendentes de africanos no Brasil se apropriam das paisagens e dos elementos naturais existentes no cotidiano através da experiência religiosa (VERGER, 1997; RAMOS, 2001).

Destarte, há de se considerar as muitas influências que o fluxo escravagista promoveu na constituição da religiosidade afro-brasileira, influenciando as percepções e as relações do grupo com a natureza brasileira no que ela tem de diferente e similar a natureza do Continente Africano notadamente a África Atlântica.

Os deuses que compõem o panteão afro-brasileiro são provenientes de uma reorganização mítico-simbólica e litúrgica de divindades cultuadas por grupos étnicos africanos trazidos para o Brasil na condição de objetos do comércio mercantilista europeu a partir do primeiro quartel do século XVI, são originários, basicamente, de duas grandes regiões africanas: 1) África Central/oriental, abrangendo atualmente países como Angola, Namíbia, República Popular e Democrática do Congo, Uganda, Quênia, entre outros, que formam o grupo lingüístico Banto. Os povos de língua Banto chegam ao Brasil em fins do século XVI, e já na sua chegada encontram populações de negros derivadas do tráfico de escravizados do Senegal e de Serra Leoa, a chamada Guiné Portuguesa. Estes dois ajuntamentos culturais vão formar as primeiras matrizes culturais africanas em terras brasileiras. 2) Costa de Mina, território que abrange os atuais estados do Benin, Nigéria e Togo, espacialidade pertencente em sua maioria aos grupos Nagô, Fon (conhecidos no Brasil pelo nome Jêje), Fanti e os Axantes, trazidos para o Brasil no final do século XVIII. Estes povos vão constituir o grupo lingüístico Yorubá, com suas variantes dialetais.

É neste contexto de hibridismos culturais, entre os povos africanos provenientes de várias partes da África, trazidos na condição de escravizados e os valores cristãos, também transformados pela experiência cotidiana da colônia, dando a esse cristianismo feições diferenciados da teologia dos colégios cardinalícios da metrópole europeia, que vão se formar as mais antigas Casas de Candomblés da Bahia (CARNEIRO, 1954; BASTIDE, 2001). A constituição dessas casas dedicadas aos orixás, no final do XVIII e início do XIX constituindo um espaço único onde a experiência religiosa africana na diáspora vai ser consolidada, representa a instituição de um novo modelo de culto a estas divindades, pois originalmente estes

deuses e deusas eram cultuados por famílias étnicas e dinásticas. Os santuários afro-brasileiros segundo Bastide é o espaço geográfico que busca recriar uma África mística e simbólica no Brasil (BASTIDE, 2001).

III - ARQUEOLOGIA DA UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS

O uso de plantas com fins terapêuticos têm sido constatado em todas as civilizações, assim como práticas de cunho religioso. Ao longo da história, o homem sempre buscou a superação dos seus males. Inúmeras etapas marcaram a evolução da arte de curar. Porém, é difícil delimitá-las com exatidão, uma vez que a arte de curar esteve, por muito tempo, associada às práticas mágicas, místicas e ritualísticas. Em todas estas etapas, as práticas de cura utilizaram as plantas medicinais.

O homem sempre utilizou as plantas como fonte de alimentos e observava os efeitos que elas provocavam no seu organismo. Em função disto, foi fazendo a triagem das plantas que tinham atividades alimentícias, medicinais, tóxicas, entre outras. Posteriormente, passou a fazer a busca das plantas medicinais, de forma sistemática. Nesta busca, durante muito tempo, foi marcante a teoria das assinaturas. Por ela, acreditava-se que, na natureza, havia elementos capazes de curar todos os males e que estes elementos tinham um sinal, um indício capaz de identificá-los com sua função terapêutica. O principal indício seria a semelhança da forma e da cor da planta, ou de suas partes, com os órgãos acometidos pelas doenças. E foi assim que se deu a descoberta do potencial terapêutico de muitas plantas medicinais (FIGUEREDO, 2011).

Esse entendimento foi transmitido de geração a geração e até hoje, em algumas religiões, tanto orientais quanto ocidentais, acredita-se no poder mágico das plantas, a ponto de algumas delas serem consideradas plantas sagradas, das quais se faz preparações que são capazes de provocar um estado de transe que reporta seus usuários a entidades espirituais. Em nossa cultura, podemos citar a jurema preta e o ayuasca.

3.1 - Uma história geral da utilização das plantas com finalidade terapêutica

Os egípcios deram grande contribuição à Fitoterapia pelo uso que faziam das plantas, não apenas para curar as doenças, mas também para embalsamar os corpos e para os rituais religiosos. O bulbo da cebola era tido como um símbolo do universo e era consagrada à deusa mãe Íris. Os egípcios usavam muitas preparações com

plantas que apresentavam propriedades aromáticas, antissépticas e cosméticas, além de cultivarem plantas purgativas, diuréticas, vermífugas, etc. Já os assírios cultivavam várias plantas que serviam de matéria-prima para a preparação de tinturas, unguentos, águas aromáticas, ao passo que os hebreus usavam as plantas que cultivavam para a realização de suas cerimônias e oferendas, a exemplo da mirra (MARTINS et al, 2000, FIGUEREDO, 2011).

Na China, existem relatos de cura com plantas, desde 3000 a.C. Por isto, a China é considerada o berço do uso das plantas com propriedades medicinais. Na literatura, é citado que o imperador ShenNung, considerado o Hipócrates chinês, estudou e relatou, no livro das ervas, o poder terapêutico e tóxico de mais de 300 espécies de plantas. Na Roma antiga, o alho era utilizado para espantar os espíritos malvados e os soldados da Grécia antiga levavam alho em bolsas nos seus gorros para se protegerem da bruxaria e das desgraças. A Índia é o país que, ao lado da China, tem grande tradição na utilização das plantas medicinais, que constituem a base da terapêutica da Medicina Ayurvédica. Lá, foram escritas várias obras sobre medicamentos à base de plantas, como sândalo, canela, cardamomo e sobre a preparação de elixires, tinturas, essências, sucos, extratos, entre outros (FIGUEREDO, 2011).

Na Idade Média, há o redimensionamento dos saberes popular e erudito a cerca das plantas. A partir do séc. XVI houve grandes transformações e inovações no campo das artes, da filosofia, da ciência, culminando com o Renascimento. Neste período, três fatores contribuíram para a consolidação da Fitoterapia: o avanço da botânica que foi incrementado pelo estudo classificatório das plantas; a disseminação do herbalismo, com a criação de herbários e jardins de plantas medicinais, principalmente junto às universidades e a descoberta e a troca de plantas medicinais entre diferentes regiões, devido às grandes navegações e ao estabelecimento de rotas comerciais (MARTINS et al., 2000; FIGUEREDO, 2011).

3.2 - História do Brasil e o uso das plantas com finalidade terapêutica

No Brasil, os primeiros registros sobre o uso de plantas datam do século XVI e correspondem aos manuscritos do Padre Anchieta. Nestes, ele relata que nas pescarias feitas pelos índios que aqui habitavam, os peixes vinham à tona apenas com o toque de cipós na água. Posteriormente isto foi explicado com a descoberta das substâncias narcóticas e curarizantes contidas nas plantas por eles utilizadas. Os índios utilizavam as plantas medicinais dentro de uma visão mística, onde o pagé fazia uso de plantas entorpecentes para sonhar com o espírito que lhe revelaria a

erva ou procedimento a ser seguido para o tratamento do enfermo (Martins et al., 2000). Os jesuítas tiveram grande importância na difusão dos conhecimentos dos indígenas sobre as plantas medicinais para a população em geral.

A influência africana é pouco conhecida, mas não menos relevante. Entre eles, quando alguém adoecia é porque estava possuído pelo espírito mau e, um curandeiro se encarregava de expulsá-lo por meio de exorcismo e pelo uso de drogas de origem vegetal, mas muitas vezes também provenientes de animais (MARTINS et. al. 2000).

Ao longo da história da colônia, foi se consolidando o uso de plantas medicinais nativas do Brasil com aquelas trazidas pelos portugueses e africanos, concomitantemente com práticas religiosas. A movimentação de pessoas que faziam o desbravamento do interior do país, em busca do ouro ou de índios para a escravização, foi fundamental na troca de informações sobre o uso das plantas medicinais.

No Brasil, a Fitoterapia chegou ao século XX como a terapêutica mais usada, apesar do declínio acarretado pelo surgimento do conhecimento biológico. Esse período foi marcado pela prosperidade econômica impulsionada pela cultura do café, pela grande imigração de europeus, pelo aumento da urbanização, pelo incremento da exportação e pelo início da industrialização. Tudo isto levou ao agravamento da situação sanitária das cidades, provocando o surgimento das grandes endemias e epidemias. Neste novo contexto econômico, sanitário e científico o uso de plantas não era mais adequado (FIGUEREDO, 2011).

IV - FITOTERAPIA E TERAPÊUTICA

Tanto o senso comum, como a ciência, almejam ser racionais e objetivos. Entretanto, o ideal de racionalidade, compreendido como uma sistematização coerente de enunciados fundamentados e passíveis de verificação é obtido muito mais por intermédio de teorias que constituem o núcleo da ciência do que pelo conhecimento comum, entendido como acumulação das partes ou peças de informação frouxamente vinculadas. Por sua vez, o ideal de objetividade, isto é, a construção de imagens da realidade verdadeiras e impessoais, não pode ser alcançada se não se ultrapassarem os estreitos limites da vida cotidiana, assim como da experiência particular (FIGUEREDO, 2011).

As substâncias medicinais são produzidas pelo vegetal resultante de seu metabolismo primário e secundário; e apresentam funções bem específicas dentro da

planta. Na maioria das vezes, são frutos do metabolismo secundário, tendo, portanto, função ligada à ecologia da planta, isto é, ao relacionamento da planta com o ambiente que a envolve.

O metabolismo secundário diferencia-se do primário basicamente por não apresentar reações e produtos comuns à maioria das plantas, sendo específico de determinados grupos. A respiração, por exemplo, faz parte do metabolismo primário. Os metabólitos secundários apresentam algumas características, como:

- a) Não são vitais para as plantas, na maioria das vezes, como os alcalóides;
- b) São as expressões da individualidade químicas dos indivíduos e diferem de espécie para espécie, qualitativamente e quantitativamente;
- c) São produzidos em pequenas quantidades.

Além disso, essas substâncias podem estar presentes na planta o tempo inteiro ou só serem produzidas mediante estímulos específicos. Assim, a regulação do metabolismo secundário depende da capacidade genética das plantas em responder a estímulos internos ou externos e da existência desses estímulos no momento apropriado (FIGUEREDO, 2011).

Geralmente, as espécies vegetais apresentam mais de um desses grupos de substâncias. O que normalmente diferencia as plantas medicinais é que as concentrações dessas substâncias são maiores, daí o seu emprego na terapêutica. Alguns gêneros e algumas famílias de plantas apresentam substâncias bem específicas que podem caracterizá-los. A concentração de princípios ativos ou fármacos na planta depende do controle genético (capacidade inerente à planta) e dos estímulos proporcionados pelo meio. Normalmente, estes estímulos são caracterizados como situações de “stress”, como excesso ou deficiência de algum fator de produção para a planta. Uma vez que o vegetal apresenta “competência” para produzir fármacos, sua concentração de substâncias ativas pode ser alterada por fatores climáticos, edáficos, exposições a microorganismos, insetos, outros herbívoros e poluentes (SIMÕES, et. al., 1999).

Dentre os constituintes químicos mais encontrados nas plantas reconhecidas como medicinais, Figueredo, (2011) destaca:

Ácidos Orgânicos- são encontrados em todo o reino vegetal, podendo desempenhar funções importantes no metabolismo primário da planta (fotossíntese e respiração). De modo geral, os ácidos são laxativos, diuréticos, estimulantes da respiração celular e do seu metabolismo. São antioxidantes e regeneradores dos tecidos.

Alcalóides - na sua maioria têm propriedades alcalinas, conferidas pela presença de nitrogênio amínico. É o grupo mais diverso dos

produtos naturais. No corpo humano, atuam no sistema nervoso central (calmante, sedativo, estimulante, anestésico e analgésico). A morfina extraída da papoula (*Papaver somniferum*) é um anestésico. A cafeína, do café e do guaraná, é um estimulante. A hiosciamina, presente na trombeteira (*Datura stramonium*), é exemplo de analgésico. Na trombeteira ainda podem ser encontrados outros alcalóides que podem ser tóxicos e cujo antídoto é outro alcaloide de uma planta brasileira, a pilocarpina, encontrada no Jaborandi (*Pilocarpus microphilus*), usado no tratamento do glaucoma. Alguns alcalóides podem ser cancerígenos e outros, antitumorais. Os alcalóides pirrolizidínicos, presentes no confrei (*Symphytum officinale* L.), são exemplos de causadores de câncer. A vincristina presente numa planta chamada boa noite (*Chantarantus roseus*) é um exemplo de um alcalóide com ação antitumoral.

Compostos Fenólicos - o fenol é um dos mais importantes constituintes vegetais e dá origem a diversos outros, como os taninos. O ácido salicílico, encontrado em diversas plantas e de ação antisséptica, analgésica e antiinflamatória, é utilizado na medicina alopática, sob a forma de um derivado, o ácido acetilsalicílico.

Compostos Inorgânicos - são constituintes normais dos vegetais que formam as cinzas ou resíduos, após a retirada da matéria orgânica. Os mais importantes são os sais de cálcio e de potássio. Os sais de potássio apresentam propriedades diuréticas, principalmente se acompanhados de saponinas e flavonóides, com capacidade de eliminar o sódio do corpo juntamente com a água, além de expulsar substâncias residuais acumuladas na circulação sanguínea. Os sais de cálcio contribuem para a formação da estrutura óssea e para a regulação do sistema nervoso e do coração, proporcionando ao paciente maior resistência às infecções. Os sais de silício têm importância no fortalecimento de tecidos conjuntivos, especialmente dos pulmões. Aumento a resistência à tuberculose, além de fortalecer unhas, pele e cabelos.

Glicosídeos ou Heterosídeos - são substâncias formadas pela combinação de um açúcar redutor, denominado glicona, e um grupo não açucarado denominado aglicona ou genina. Esta é a responsável pela ação terapêutica. Têm gosto amargo. Há vários tipos de glicosídeos como os cardioativos, os alcoólicos, os cianogénicos, os antraquinônicos, os flavonóides, os saponínicos, os cumarínicos, etc.

Quinonas - são produtos da oxidação dos fenóis. As mais importantes são as naftoquinonas e as antraquinonas. Têm ação purgativa, pois estimulam os movimentos peristálticos dos intestinos após 8-12 horas de sua ingestão. Sua ação purgativa se deve, também, ao fato de diminuir a absorção de água pelas vilosidades intestinais, levando ao amolecimento das fezes. Não se deve utilizar plantas que as contenham, por via oral, pois têm ação nefrotóxica, levando à retenção de líquidos. O uso continuado de laxantes à base de quinonas pode acarretar processos inflamatórios e degenerativos

e redução severa do peristaltismo e mesmo atonia do intestino, bem como a perda de eletrólitos. A mais comum das antraquinonas é a aloína, presente na babosa (*Aloe Vera*). O lapachol, do ipê roxo (*Tabebuia avelanadae*), é um exemplo de naftoquinona. Além da ação laxante, as quinonas têm ação antibacteriana, antifúngica e antitumoral.

Cumarinas - trata-se de um heterosídeo que apresenta diversas formas básicas: como a hidroxicumarina, a furanocumarina, a piranocumarina e os dicumaróis. O dicumarol, um poderoso anticoagulante, por bloquear a ação da vitamina K, sendo usado na alopatia como base para medicamentos contra a trombose, em pequena dosagem, e como veneno para ratos, em grandes doses. As cumarinas têm ainda ação antimicrobiana.

Saponinas - sua característica marcante é a de formar espuma quando colocadas em água. São utilizadas para a síntese de cortisona (antiinflamatório) e de hormônios sexuais. Alta concentração de saponinas na corrente sanguínea pode ser perigosa, pois pode provocar hemólise, devido à desorganização das membranas das hemácias. Felizmente, sua absorção pelo trato gastrointestinal é reduzida, diminuindo o risco de intoxicação, quando utilizadas por via oral. São laxativas suaves, diuréticas, digestivas, antiinflamatórias e expectorantes. Têm ação irritativa para as mucosas do aparelho digestório, provocando vômito, cólicas e diarreias. O fato de as saponinas auxiliarem na absorção de certos medicamentos faz com que as plantas que as contêm possam ser utilizadas em combinações com outras, nos chás. Um exemplo da presença de saponinas é no juazeiro (*Zizyphus joazeiro* Mart) e na beterraba (), cujo suco é expectorante. A fervura prolongada pode diminuir ou destruir a eficácia das saponinas e de outros heterosídeos. Flavonóides - são metabólitos secundários muito difundidos no reino vegetal. A grande vantagem dos flavonóides ou bioflavonóides (produzidos por plantas) é a sua baixíssima toxicidade. São essenciais para a completa absorção de vitamina C, ocorrendo normalmente onde quer que haja esta vitamina.

Mucilagens - as mucilagens podem ser encontradas em sementes, caules, folhas e raízes. A secreção de mucilagem pode ocorrer em diversas estruturas das células. As mucilagens têm a propriedade de, em solução aquosa, produzir massa plástica ou viscosa, responsável pelo efeito laxativo, pois a água é retida no intestino, evitando o endurecimento do seu conteúdo. Age também como lubrificante e, ao mesmo tempo, aumenta o volume no interior do intestino, estimulando seus movimentos peristálticos.

Óleos Essenciais - são substâncias orgânicas voláteis, muito conhecidas pelo cheiro que caracteriza certas plantas, como o mentol, nas hortelãs, o cheiro de eucalipto dado pelo eucaliptol. O aroma das plantas que contêm óleos essenciais é fruto da combinação de suas diversas frações.

O grande número e a diversidade de substâncias incluídas neste grupo de princípios ativos é que determinam a ampla variedade de ações farmacológicas. No entanto, é importante não confundir as atividades farmacológicas de uma droga vegetal rica em óleos voláteis com as atividades farmacológicas do óleo isolado da mesma. Por exemplo, o óleo volátil de alecrim (*Rosmarinus officinalis* L., Lamiaceae) é antibacteriano, enquanto que a infusão da planta é usada para o tratamento sintomático de problemas digestivos, devido as suas propriedades antiespasmódicas e coleréticas dada à presença de compostos fenólicos (SIMÕES et al., 1999). Neste sentido, as propriedades dos óleos podem ser variadas, incluindo-se as terapêuticas como: antiviral, antiespasmódica, analgésica, bactericida, cicatrizante, expectorante, relaxante, vermífuga, entre outras.

São facilmente transportados pelo organismo, podendo atravessar a placenta, além de chegar ao leite materno. Em geral, altas doses de óleos essenciais podem provocar nefrites e hematúrias. Recomenda-se que as plantas que os contém recebam especial atenção na colheita, secagem e, principalmente, na armazenagem, que deve ser feita em recipientes bem fechados, para evitar maiores perdas. Alguns óleos essenciais podem ser empregados no controle de doenças e pragas de plantas medicinais, dada à ação bactericida, bacteriostática, fungicida e inseticida de algumas substâncias.

V - PLANTAS MEDICINAIS E OS ORIXÁS

A Fitoterapia é reconhecida como a terapêutica que usa as plantas medicinais em diferentes formas farmacêuticas. Planta medicinal é qualquer espécie vegetal designada pelo seu nome científico e/ou popular utilizada com finalidades terapêuticas. Princípio ativo de medicamento fitoterápico é toda substância, ou classes químicas (ex: alcalóides, flavonóides, ácidos graxos), quimicamente caracterizada, cuja ação farmacológica é conhecida e responsável, total ou parcialmente, pelos efeitos terapêuticos do medicamento fitoterápico (SIMÕES, et al., 1999; FIGUEREDO, 2011).

A maior parte das espécies medicinais cultivadas são espécies exóticas, domesticadas em seus ecossistemas naturais e que apresentam características de plantas pioneiras, a exemplo do alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) originário do Mediterrâneo e da arruda (*Ruta graveolens* L.) originária da Europa. Muitas são espécies nativas largamente utilizadas pela população como o guaco (*Mikania* spp.) o maracujá (*Passiflora* spp.), a carqueja (*Baccharis* spp.), entre outras. Espécies da

flora nativa tropical brasileira, presentes na Mata Atlântica devem ser ressaltadas pela importância de seu uso, como a erva de santa maria (*Chenopodium ambrosioides* L.), colônia (*Alpinia speciosa* K. Schum.) (SIMÕES et al., 1999).

A Fitoterapia é um campo onde mais está presente a discussão sobre a questão do conhecimento popular e do conhecimento científico. Durante muito tempo, todas as informações sobre as plantas medicinais vinham do conhecimento popular, construído através da observação do efeito das plantas nos organismos animais e humanos e transmitido principalmente através da tradição oral.

Semelhante à prática da Fitoterapia os curandeiros e/ou pais/mãe de santo do candomblé usam plantas medicinais. Para eles, cada folha possui virtudes que lhes são próprias e, misturadas a outras, formam preparações medicinais e mágicas, de grande importância nos cultos, onde nada pode ser feito sem o uso das folhas. (Santos, 1976). E acrescenta: “o “sangue” das folhas, que traz em si o poder do que nasce, do que advém, abundantemente, é um dos “axés” mais poderosos. Em combinações apropriadas, elas mobilizam qualquer ação ou ritual; daí a necessidade constante de seu uso”.

A percepção do ser humano no Candomblé envolve o significado do Axé. Adoecer significa a quebra do equilíbrio entre o adepto e os Orixás, é a não mobilização do axé. Portanto, o axé é elemento fundamental para a recomposição da harmonia. Para Santos (1976), o “sangue” das folhas tem poder e é um dos axé mais poderosos.

O reino vegetal como um todo enquanto natureza e as folhas em especial, constituem as bases para o funcionamento de um terreiro de Candomblé. No Brasil, de certa forma, os terreiros de Candomblé mantiveram suas práticas religiosas, preservando o uso sagrado e medicinal das folhas. São, portanto abundantemente usados nas práticas de rituais, nas festas e na orientação para o cotidiano dos filhos do santo, incluindo os estados de desequilíbrio.

O encontro das relações entre plantas medicinais e práticas religiosas se dá em diferentes ordens. Neste estudo, abordamos oito diferentes plantas medicinais correlacionando os constituintes químicos, ações farmacológicas, indicações e uso na Fitoterapia, com o uso e indicações associadas aos filhos do Orixá conforme orientação no Candomblé.

01 -Ervadoce - nome popular

Oxum - Orixá relacionado

Nome científico: *Pimpinella anisum* L.

Elemento e gênero: Água - Feminino

Constituintes Químicos/Ação Farmacológica: óleos essenciais: anetol (75 a 90%) estragol e outros; flavonoides (quercitina e apigenina) e cumarinas. A ação principal é do anetol que compete com a dopamina, um inibidor da prolactina, aumentando a produção de leite materno. Favorece a secreção salivar e a secreção gástrica (FIGUEREDO, 2011).

Indicação/uso na Fitoterapia - as sementes maduras são usadas na forma de infuso como carminativa, galactagoga, estomáquica e antiespasmódica (DUNIAU, 2003; FIGUEREDO, 2011).

Indicação/uso no candomblé - defumador.

Efeitos adversos e/ou tóxicos/contraindicações - nas doses recomendadas não há efeitos adversos e/ou tóxicos descritos. Grávidas não devem usar em altas doses, pois pode provocar contrações uterinas (FIGUEREDO, 2011).

Os filhos de Oxum, segundo Buonfiglio (1998, p. 76) apresentam tendência a engordar devido à retenção de líquidos, sendo a prisão de ventre e problemas de visão constante entre eles. Nas mulheres são comuns os distúrbios ginecológicos atingindo útero, ovários e trompas. Enquanto Orixá feminino rege os problemas do “ventre”, é considerado o responsável pelas gestantes, parturientes e crianças pequenas. É interessante observar que as propriedades farmacológicas da erva-doce (*Pimpinella anisum L.*) atuam na cavidade abdominal e na lactação (DUNIAU, 2003, p. 88).

02 -Alecrim - nome popular

Oxalá - Orixá relacionado

Nome científico: *Rosmarinus officinalis L.*

Elemento e gênero: Ar - Feminino

Constituintes Químicos/Ação Farmacológica: óleos essenciais: alfa pineno, beta pineno, cânfeno, limoleno, 1,8 cineol e, principalmente, cânfora; flavonoides (diosmina, diosmetina, hispiludina, apigenina); terpenoides (carnasol e ácido ursólico) e ácidos fenólicos (ácido caféico, clorogênico e rosmarínico). Tem atividade antibacteriana e antifúngica: eficaz contra *Staphylococcus aureus*, *Staphylococcus albus*, *Escherichia coli*, *Vibrio colerae*, *Candida albicans*. O carnasol e o ácido ursólico inibiram vários microorganismos (*Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli*, *Lactobacillus brevis*, *Pseudomonas*) em alimentos deteriorados. O ácido rosmarínico e a diosmina têm atividade antiinflamatória e antioxidante. Os óleos essenciais (principalmente o cineol) têm atividade espasmolítica e analgésica (FIGUEREDO, 2011).

Indicação/uso na Fitoterapia - folhas e ramos são usados em forma de infuso ou alcoolatura, são indicados como antimicrobiano, espasmolítico, carminativo, anti-inflamatório, antisséptico, diurético, para problemas respiratórios, distúrbios menstruais. As folhas são ainda usadas como aromatizante de alimentos e na forma de incenso, para a casa.

Indicação/uso no candomblé - como defumador e para banho de limpeza.

Efeitos adversos e/ou tóxicos/contraindicações - o alto teor de cânfora pode provocar convulsões epiteptiformes. Contraindicado na gravidez (pode provocar aborto), na amamentação e para prostáticos (MARTINS et al., 2000; FIGUEREDO, 2011).

Nos filhos de Oxalá, o sistema nervoso é delicado. Embora inspirem tranquilidade, são explosivos interiormente. Têm tendência a anemias leves, predispostos a resfriados e gripes, podem ainda ter úlceras, gastrites e problemas com a coluna. No homem é comum a inflamação da próstata (BUONFIGLIO, 1998, p.80).

Como planta perene, o alecrim era ligado à noção de imortalidade. As suas propriedades antissépticas condizem com a sua capacidade de espantar os espíritos nocivos. A atividade antioxidante proveniente dos flavonoides relaciona-se no candomblé a Oxalá, um dos orixás da criação, ligado às doenças do envelhecimento (DUNIAU, 2003, p.73).

03 -Arruda - nome popular

Exu - Orixá relacionado

Nome científico: *Ruta graveolens* L.

Elemento e gênero: Fogo - Feminino

Constituintes Químicos/Ação Farmacológica: flavonoides (rutina e hesperidina), cumarinas (chalepeusina e graveliferona); alcaloides (rutalinium, rutilidina, rutacridona, rubalinidina); óleos essenciais nas raízes (pinemo, limonemo). Tem ação carminativa, antiparasitária espasmolítica, emenagoga, antibacteriana, anticonvulsivante, estimulante da motilidade uterina e no tratamento de varizes e flebite (MARTINS et al., 2000; ALONSO, 2003, DUNIAU, 2003).

Indicação/uso na Fitoterapia - usa-se toda planta ou apenas as folhas (antes da floração), ou as flores. A forma de uso pode ser infuso, tintura, sumo ou cataplasma. É usada em garrafadas para combater *doenças de senhoras*: regulariza a menstruação e tem propriedades abortivas (DUNIAU, 2003). ALONSO (2004) indica seu uso como antiasmático, sedativo e analgésico.

Indicação/uso no candomblé - como afrodisíaco e abortivo.

Efeitos adversos e/ou tóxicos/contraindicações - a arruda é extremamente tóxica e seu uso prolongado tem efeito cumulativo. Contraindicada na gravidez, podendo causar aborto. Em grandes doses as folhas e as brotações causam vômitos, gastroenterite, edema da língua, diminuição do pulso, extremidades frias e fraqueza (CARRICONDE et al., 1995; MARTINS et al., 2000; DUNIAU, 2003).

O poder protetor da arruda (*Ruta graveolens* L.) contra maus fluidos parece estar ligado à atividade antisséptica de seus constituintes. As propriedades

estimulantes da motilidade uterina são consideradas por Duniau (2003) como uma ação afrodisíaca (nas mulheres), vinculando a Exu como orixá ligado à sexualidade.

04 - Babosa - nome popular

Ogum - Orixá relacionado

Nome científico: *Aloe vera* L.

Elemento e gênero: Terra - Masculino

Constituintes Químicos/Ação Farmacológica: composto antraquinônico - aloína (barbaloína), de ação estomáquica e laxativa, além de atividade anti-inflamatória. Polissacarídeo complexo - aloferon (estimulador dos fibroblastos). Contribui na cicatrização tecidual, prevenindo a progressiva isquemia dérmica, especialmente nas queimaduras. Mucilagem - potente atividade hidratante. Atividade antiviral frente aos tipos I e II do herpes simples, varicela zoster. Substância antibradicinina - aliviando a dor provocada pelas bradicininas quando a pele é agredida. Lactato de magnésio - ação anti-histamínica. Aminoácidos - atuam como antioxidantes e imunomoduladores, Ativa a microcirculação na cicatrização das feridas (FIGUEREDO, 2011).

Indicação/uso na Fitoterapia - utiliza-se a parte interna da folha, aproveitando o látex que escorre para uso tópico da parte afetada.

Indicação/uso no candomblé - nos ferimento.

Efeitos adversos e/ou tóxicos/contraindicações - o uso interno prolongado pode provocar problemas digestivos como dores abdominais, diarreias sanguinolentas, hemorragia gástrica, aumento da incidência de câncer de colon; problemas renais: albuminúria, hematúria, nefrite; hipocalemia: transtorno do ritmo cardíaco. Este distúrbio eletrolítico pode aumentar o efeito do digital em pacientes com insuficiência cardíaca congestiva. Contraindicado para gestantes, no período menstrual, crianças e pacientes com problemas hepáticos, renais e intestinais como apendicite, colite ulcerosa, diverticulite e doença de Crohn (DUNIAU, 2003; FIGUEREDO, 2011).

Os filhos de Ogum têm constituição robusta, sendo resistentes às doenças. Quando têm doenças, são relacionadas ao sistema nervoso e alguns são depressivos e buscam alívio trabalhando no campo, com agricultura ou animais (BUONFIGLIO, 1998, p.74). Como Orixá guerreiro, ligado ao metal, é responsável pelos ferimentos e acidentes em geral. As propriedades da babosa (*Aloe Vera* L.) com tropismo para a pele (cicatrizantes e anti-inflamatórias) são adequadas para regenerar os ferimentos de Ogum. As propriedades antissépticas (antibacterianas, antivirais) da planta são certamente responsáveis pelo poder protetor das folhas (DUNIAU, 2003, p.79).

05 - Carqueja - nome popular

Oxossi/ Oxaguiã - Orixás relacionados

Nome científico: *Baccharis trimera* (Less) D. C. **Elemento e gênero:** Ar - Masculino

Constituintes Químicos/Ação Farmacológica: óleos essenciais: nopineno, carquejol, acetato de carquejilo e sesquiterpenos. Atividade anti-ulcerosa, antibacteriana, antiinflamatória, hepatoprotetora, colagoga (favorece a produção de bÍlis), hipoglicemiante, diurética. Indicada para reumatismo (MARTINS et al., 2000; DUNIAU, 2003).

Indicação/uso na Fitoterapia - Os ramos alados com flores (secos) são usados em forma de infuso ou tintura.

Indicação/uso no candomblé - para o fÍgado; doenças cardiovasculares e reumatismo.

Efeitos adversos e/ou tóxicos/contraindicações - Não foi encontrada referência sobre seus efeitos adversos e/ou tóxicos, mesmo em uso prolongado, desde que seja nas doses usuais. O efeito abortivo foi observado em animais com uso seguido por 15 dias, portanto, não deve ser usado na gravidez (ALONSO, 2004).

No candomblé, Oxossi é o Orixá que rege o bom funcionamento do fÍgado e da vesÍcula biliar, enquanto Oxalá responde pelas doenças cardiovasculares e os reumatismos em geral. As propriedades tônicas, depurativas e hepatoprotetoras da carqueja correlacionam-se com os distúrbios ligados a estes orixás (DUNIAU, 2003, p.83).

06 -Erva de Santa Maria - nome popular

Obaluaê - Orixá relacionado

Nome científico: *Chenopodium ambrosioides* **Elemento e gênero:** Terra - Masculina

Constituintes Químicos/Ação Farmacológica: óleos essenciais: o "Óleo de quenopÓdio", ascaridol, é o princípio ativo responsável pela ação anti-helmÍntica encontrado nas sementes. Foi muito usado, até a produção sintética de vermÍfugos mais eficazes e menos tóxicos. Outros óleos essenciais: mirceno, felandreno, limoleno. Outros constituintes químicos: Saponinas, flavonoides, vitaminas B2 e C, saís de cálcio, ferro e magnésio. Atividade anti-helmÍntica, especialmente contra áscaris e ancilóstomo. Outras atividades: digestiva, carminativa, cicatrizante, estimulante, anti-hemorroidal, sedativa expectorante (DUNIAU, 2003; FIGUEREDO, 2011).

Indicação/uso na Fitoterapia - as folhas e sementes do mastruço são usadas juntamente com leite passadas no liquidificador, pela manhã, em jejum. Indica-se também usar o sumo (FIGUEREDO, 2011).

Indicação/uso no candomblé - doenças de pele; parasitoses.

Efeitos adversos e/ou tóxicos/contraindicações - irritação de pele e mucosas, vômitos, vertigens, zumbidos, dores de cabeça, depressão do SNC, lesões renais e hepáticas, surdez temporária. É expressamente proibido em gestantes, devido à propriedade abortiva. E ainda para crianças, idosos, pacientes com disfunção

hepática ou renal, com problemas auditivos e pessoas debilitadas em geral, bem como em cardíacos e ulcerosos gastrintestinais.

Os filhos de Obaluaiê são indivíduos susceptíveis à hipovitaminoses causadas pela má alimentação, apresentando doenças de pele; assim como, à retenção de líquidos e a apresentarem estômago dilatado. O fígado e o pâncreas merecem cuidados nestes indivíduos. Outros problemas dizem respeito a disfunções circulatórias, reumatismo e dores ciáticas. Processos de descalcificação podem aparecer com frequência (BUONFIGLIO, 1998, p.78). Obaluaiê como o Orixá das doenças de pele em geral, de parasitoses e de doenças epidêmicas, guarda relação com as propriedades da Erva de Santa Maria (*Chenopodium ambrosioides*) (DUNIAU, 2003, p.87).

07 -Maracujá - nome popular

lansã - Orixá relacionado

Nome científico: *Passiflora edulis*

Elemento e gênero: Ar - Feminino

Constituintes Químicos/Ação Farmacológica: alcaloides: passiflorina, harmalina e hormina. Flavonoides: crisina, pigenina, caempferol, quercitina. Cumarinas. Estudos com camundongos mostraram que o maracujá reduz a atividade espontânea de locomoção e prolonga a duração do sono. Em humanos, estudos mostraram efeito sedativo e hipnótico. Este efeito deve-se, principalmente à passiflorina e à crisina (FIGUEREDO, 2011).

Indicação/uso na Fitoterapia - As folhas e frutos são usados na forma de infuso e suco.

Indicação/uso no candomblé - como calmante.

Efeitos adversos e/ou tóxicos/contraindicações - O fruto, utilizado imaturo, pode provocar problemas respiratórios. Suas raízes têm efeitos hepatotóxicos e as folhas não podem ser usadas em demasia devido à presença de glicosídeos cardioativos. Contraindicado para grávidas. A passiflorina e a harmalina são estimulantes do músculo uterino (FIGUEREDO, 2011).

Considerando que a agitação, o mau humor ou a irritabilidade são peculiares dos filhos de lansã, as propriedades sedativas do maracujá condizem com seu emprego para acalmá-los. O maracujá (*Passiflora edulis*) é usado no nordeste para tratar asma e bronquite; o que também se relaciona diretamente com as doenças mais frequentes dos filhos desse orixá (DUNIAU, 2003, p.109). Buonfiglio (1998) refere ainda alergia a tintas e material de limpeza e predisposição a taquicardia quando nervosos.

08 - Urucum - nome popular

Xangô - Orixá relacionado

Nome científico: *Bixa orellana* L.

Elemento e gênero: Terra - Masculino

Constituintes Químicos/Ação Farmacológica: as pesquisas in vitro demonstraram ação sobre bactérias gram + (*Bacillus subtilis*, *Staphylococcus aureus*), gram - (*Escherichia coli*), fungos (*Candida utilis* e *Aspergillus niger*) como também para a *Salmonella typhi*. Tem ação antibacteriana, hipoglicemiante e antiinflamatória para mucosa gástrica. As sementes concentram grande quantidade de substâncias precursoras da vitamina A, conferindo-lhe ação antioxidante (ALONSO, 2004).

Indicação/uso na Fitoterapia - as folhas são usadas como afrodisíacas, antianêmicas, antidiarreicas, no tratamento de doenças hepáticas e cardíacas. A aplicação de cataplasmas auxilia nas cefaleias. (DUNIAU, 2003).

Indicação/uso no candomblé - para os ferimentos.

Efeitos adversos e/ou tóxicos/contraindicações - Não foi encontrada referências quando utilizado em doses usuais. O consumo de sementes ou da raiz pode ser abortivo. Em doses elevadas tem ação purgante e hepatotóxica (ALONSO, 2004).

As doenças dos filhos de Xangô referem-se ao sistema cardiovascular. Podem aparecer ainda de hérnia, hipertensão, estresse, ansiedade e impotência (BUONFIGLIO, 1998). As propriedades antissépticas, antiinflamatórias e antioxidantes do Urucum (*Bixa orellana* L.) ratificam o uso mágico/ protetor e relacionam a Xangô, Orixá ligado ao elemento fogo e às queimaduras (DUNIAU, 2003, p.127).

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas plantas estudadas neste artigo, evidenciam-se alguns pontos interessantes com relação aos constituintes químicos. Na maioria delas, há presença de óleos essenciais, o que lhes conferem, em geral, uma ação antisséptica. Ação esta, deveras importante nas práticas ritualísticas, quando se tem agrupamentos de pessoas, sendo então, benéfica a ação higienizante dos óleos essenciais. A presença de alcaloides em parte delas merece atenção no sentido de que estes constituintes químicos têm um tropismo pelo sistema nervoso central, conferindo-lhes atividades terapêuticas nesse sistema; no entanto, deve-se ter o cuidado com doses elevadas, que podem causar efeitos tóxicos. Assim como, o conhecimento mais aprimorado das partes do vegetal e correspondente constituinte químico torna a indicação mais precisa e eficaz.

A coerência entre indicações com base em estudos farmacológicos e na tradição demonstra que esses campos se encontram, se beneficiam e necessitam trabalhar em uma mão dupla, de maneira que, quando as pesquisas de constituintes químicos e ações farmacológicas são desenvolvidas a partir da observação do uso tradicional, os resultados destas pesquisas deverão retornar às comunidades que mantêm a tradição do uso de plantas medicinais.

A manutenção de práticas religiosas como a do Candomblé, decerto, ao fazer uso de plantas nativas, contribui para a proteção das matas nas regiões ocupadas pelos fiéis. Outros elementos ainda não bem compreendidos, a exemplo da força ou energia do axé, aguardarão a possibilidade de uma leitura única atendendo a tradição e ao conhecimento científico, de maneira que estas áreas afins atuem juntas e as ações terapêuticas para saúde humana possam ser mais vantajosas.

VI - REFERÊNCIAS

ALONSO, Jorge. **Tratado de Fitofármacos y Nutracéuticos**. Rosario (Argentina): Esteban Oscar Mestre, 2004.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Campinha das Letras, 2001.

BRASIL. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. - Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p. - (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BUONFIGLIO, Monica. **Orixás**. São Paulo - SP: Oficina Cultural, 1998.

BURKHARD, Grudun Krökel. **Novos caminhos de alimentação**. São Paulo: CLR Balieiro, 1984.

CARRICONDE, Celerino et. al. **Plantas Medicinais & Plantas Alimentícias**. Olinda: Centro Nordestino de Medicina Popular: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1995.

DUNIAU, MARIE Christine Monique. **Plantas medicinais: da magia à ciência**. Rio de Janeiro: Brasport, 2003.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FIGUEREDO, Climério Avelino. **Fitoterapia I, II** (mimeografado). Núcleo de Estudo e Pesquisas Homeopáticas e Fitoterápicas - DFP/CCS/UFPB, 2011.

MARGONARI, Neide. **As Essências florais e a hierarquia divina**. São Paulo: N. Margonari, 1996.

MARTINS, Ernane Ronieet al. **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV, 2000.

PRIORE, Mary Del. VENÂCIO, Renato Pinto. **Ancestrais**, uma introdução à História da África Atlântica. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2004.

RAMOS, Artur. **O Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 2001.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**. Traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAUMONNI, Elisée. **Daomé e o Mundo Atlântico**. Rio de Janeiro. SEPHIS/ CEAA - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Universidade Candido Mendes, 2001.

SIMÕES, Maria Oliveira (org.) et al. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. Porto Alegre/Florianópolis: ed. Universidade/UFRGS/Editora da UFSC, 1999.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Artigos**. Tomo I. São Paulo, Corrupio, 1992.

_____. **Orixás**, deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador, Corrupio, 1997.